

Se é provável que no final do milénio passado o design tenha apartado a função da forma, servindo-se desta última para conferir exclusividade e distinção a um objeto trivial, o atual paradigma tende a regressar ao básico pois o homem ideal quer-se agora um homem comum.

Vários sinais terão levado os designers a este reposicionamento. A inevitável crise questionou o significado social dos objetos que nos são próximos. Quando antes era *hype* ter um espremedor que não funcionava, agora é correto ter realmente uma laranjeira. Hoje, para além de os objetos tenderem a exprimir a sua essencial funcionalidade, adaptam-se à especificidade individual de cada utilizador através do estímulo à sua apropriação. O espremedor, entretanto, subiu (ou desceu) para o patamar da escultura.

No entanto, a exclusividade não se perdeu. Pelo contrário, foi potenciada ao mais alto nível, propondo peças tão singulares como o seu utilizador, indiferentes à taxonomia arquitetura/design/arte, e reformulando as questões da produção de autor. Hoje, cada um, artista ou não, pretende construir o seu espaço, que se torna no seu objeto de desejo/design/arte, qual Pedro Cabrita Reis com cozinha e casa de banho.

Esta exclusividade, em lugar de partir dos autores ou das marcas, é colocada nas mãos do seu destinatário. Agora posso ter uma bicicleta, um sofá ou uma torradeira absolutamente únicos, sem perder de vista um elevado *standard* de design. Chamo-lhe autonomia.

No seu texto *O Espectador Emancipado*, Jacques Rancière, referindo-se ao teatro, descreve uma sequência que começa no drama platónico, passa pela abertura do teatro de Brecht e considera que com Artaud o espectador se emancipa, podendo invadir o palco. Tal não configura um ato de negação, mas é antes um processo de filtragem. Resulta da redundância de conhecimentos, infraestruturas e artefactos que nos rodeiam.

Sem porem em causa a cultura e a história do design, alguns destes criativos do novo milénio abdicaram da linguagem ora hermética ora inalienável dos seus predecessores e injetaram-lhe o despreziosismo que permite a sua identificação por cada um, até mesmo por aqueles não aculturalizados com as andanças do design.

A sua inteligibilidade não tem como essência o passar um atestado de menoridade ao seu utilizador mas, pelo contrário, a de fornecer possibilidades de independência criativa e maturidade.

Legalmente, apoiam-se nas novas gerações de direitos de autor como a *Creative Commons*, nascida dentro da revolução digital e da existência em rede. Aqui, o direito de autor é propriedade da humanidade, para onde cooperamos e não competimos. Walter Benjamin, quando escreveu "A obra de arte na época da sua possibilidade de reprodução técnica", onde se referiu à perda da aura do original quando reproduzido mecanicamente, não concebeu a era digital onde o original não se distingue das suas cópias.

Perante revoluções tão inesperadas como esta, nem a lei nem a ética poderiam ficar impassíveis. Estes novos objetos de design não possuem *copyright*, podendo ser usados e alterados por todos, indo beber ao conceito *open source*, cuja sigla é OS.

Open Structures

Mas OS também significa *Open Structures* (e *Operating System*). Openstructures.net é uma plataforma que só poderia funcionar sobre a internet e que persegue o conceito OS. O seu criador foi Thomas Lommée mas o seu corpo é multicéfalo e é-o em crescendo. O seu ponto de partida foi a luta contra a produção massificada, pela produção personalizada (os tempos da Bauhaus foram outros).

Funciona como uma base de dados alimentada por quem deseje cooperar, tal como na *Wikipedia*. Os seus ativos são desenhos de peças com as quais poderemos construir desde máquinas de café a partes de automóveis.

Explora a possibilidade de um modelo de construção modular onde todos desenham para todos. Propõe uma espécie de *Meccano* ou de *Lego* colaborativo para o qual qualquer um de nós pode contribuir com partes, componentes e estruturas.

É fornecida uma grelha geométrica de 4 cm de lado sobre a qual todas as peças devem ser submetidas. Pessoalmente, considero esta métrica obsessiva, mas aceita-se para que exista um *standard* inicial. Os elementos 3D são disponibilizados em formato *SketchUp*, o intuitivo e gratuito programa de modelação 3D da *Google*.

Intra Structures

Paralelamente à *Open Structures* cresce a Intrastructures.net numa verdadeira simbiose, onde cada uma alimenta a outra. A *Intra Structures* age como um *think tank* e um *spin off* para autores e ideias.

Reflete sobre um design pragmático e utópico que gere modelos, ferramentas e produtos para a reconstrução social e ambiental.

Traduzem as oportunidades emergentes em respostas e serviços com aplicabilidade prática, ecológica e equitativa. A observação, a análise e a síntese guiam o seu processo mas é através da colaboração, da criação de protótipos e das publicações que constroem, testam e optimizam as suas ideias.

Open Source

Numa época em que, apesar de um discurso recente e contextualizado, já não se pode falar em emigração (Amsterdão-Porto em duas horas por menos de 50 euros), não é num local mas num fluxo Holanda-Portugal-Turquia-Itália que nos cruzamos com estas novas propostas. Nesta nuvem não podemos sequer falar em locais físicos pois, mesmo sendo o resultado eminentemente prático, a ferramenta é virtual.

A abordagem *Open Source*, apesar de ter nascido a propósito do *software* de código aberto, rapidamente foi traduzida pela sociedade como fonte de soluções. Na electrónica em geral, do conteúdo digital à robótica, na saúde e na ciência, da farmacêutica aos componentes para painéis solares, foram adoptadas estas formas de partilha de conhecimento. As ciências sociais e toda a investigação teórica fazem-no através dos blogs. Mas também a arte quando recorre à apropriação.

Podemos mesmo dizer que toda uma comunidade se está a organizar em torno deste conceito. Num mundo onde o individualismo é datado, perante desafios como o expectável aumento da exploração de recursos para produção de objetos de consumo, se não colocarmos as tarefas possíveis nas mãos de todas as pessoas de boa vontade, o design perderá definitivamente a sua função.

António Coxito

(n. Lourenço Marques, 1965) Arquitecto pela UAL. Encontra-se a desenvolver doutoramento na Universidade de Évora nos moldes **research by design**, através da construção efetiva de uma utopia em Vila Velha de Ródão. Foi editor de publicações nas áreas do design (Page, 1997-1999), portugalidade (NAU, 2005), divulgação científica (deFrente Ciência, 2005-2008) e divulgação estratégica (deFrente Estratégia, 2007-2008). Comissariou exposições de *new media* na ZDB e no Forum Lisboa para o festival VideoLisboa entre 2001 e 2005.



Cargo Bike, partes desenhadas por Thomas Lommée; bicicleta montada por Jo Van Bostraeten. www.openstructures.net



Toaster, partes desenhadas por Thomas Lommée; torradeira montada por Jesse Howard. www.openstructures.net



Water Boiler, partes desenhadas por Fabio Lorefice; fervedor de água montado por Thomas Lommée e Jesse Howard. www.openstructures.net



Vacuum cleaner, partes desenhadas por Thomas Lommée; aspirador montado por Jesse Howard. www.openstructures.net



Burundi Building Case studies, em conjunto com o ateliê de arquitetura Brussels Cooperation; vários componentes desenhados de acordo com a grelha Open Structures. www.intrastructures.net



Cushionized sofa II, almofadas brancas; sofá montado por Christiane Högner. www.lofi-studio.com



Plain, canalização industrial em latão; misturadora montada por António Coxito. www.site01.net